

## mas nem tão posfácio assim

1. Leia o poema *iniciado II* sem respirar.
2. A palavra **deus** aparece 14 vezes neste livro.
3. A palavra **cheiro** aparece uma só.
4. O poeta Gabriel Gorini gosta, entre outras coisas, de Naná Vasconcelos.
5. Desenhe um poeta a partir das características físicas presentes no poema *diríamos*.
6. Gorini viu ou não viu Teresa?
- 7.

Irás pedir-me, tu, monstro austero  
para renunciar a esta desesperada  
paixão de estar no mundo?  
Pier Paolo Pasolini

O que vive choca,  
tem dentes, arestas, é espesso.  
João Cabral de Melo Neto

Da última vez que nos vimos, antes desse posfácio, Gorini esticou o slackline entre duas palmeiras no parque do Flamengo. Entre um equilíbrio e outro, me pedia pra olhar de novo a paisagem, antes de dizer que a obra é corpo e cidade. Não que eu não soubesse. Digo, não que, ao longo desses quase 7 anos esbarrando com ele por aí, eu já não tivesse percebido que há poetas que nos comovem pela cirurgia, e há poetas que nos comovem porque estão sacudidos pelas urgências que não cessam.

Se o que vive choca com o que vive, como queria João Cabral, a atenção desses poemas está mesmo voltada para o espanto, algo religioso, diante de tudo o que se move (*de onde saem os gritos, meu deus?*). Gorini pratica uma espécie de poesia-profecia, bastante direta, entre o trovador e o repentista, para anunciar aquilo que já foi dito, mas precisa ser repetido, mais uma vez e de um outro modo, para fazer com que os olhos vejam (*os olhos que abrem e não veem*). É o que nos lembrará o visionarismo de um Piva e o misticismo Hilstiano, onde o lugar do sagrado e da poesia está frequentemente imbricado, ainda que experimente a angústia fundamental entre o saber e o mundo (*sabemos, e de repente já não sabemos*).

Essa poesia assume, com alguma frequência, a guerra como regra. A clareza de que é preciso buscar necessariamente o confronto, o método para fazer alarde, assustar a vista

(enquanto os antigos impérios já se levantaram e distribuem panfletos na uruguaiana). Aqui é, para o poeta, o fim do mundo, e é tempo de contabilizar os mortos. A poesia tem pressa, é inquieta, sofre da emergência.

No entanto, o convite à ação (*rápido. precisamos ver os montes,*) aparece constantemente intercalado com a constatação de que as coisas seguirão acontecendo para além de nossas movimentações (*e nós abaixamos / as cabeças e contabilizamos as perdas / sob o sibilo cruel das últimas / sentinelas*), e de que seguiremos os nossos rituais cotidianos (*o cuidado matinal do filho; uns compromissos na hora do almoço*), apesar dos pesos que a história exerce.

E o livro tem seu fluxo. O ímpeto inicial, de alguém pronto para abandonar tudo e reconstruir uma nova terra prometida, rastreando os vestígios do mistério, vai abrindo espaço para o laço e o zelo. São a reincidência da família, os episódios da infância, o fardo de uma solidão à espreita, buscando na palavra uma espécie de refúgio (*minha reza / minha praga / meu juízo*) que também suaviza tom. É quando o poeta se permitirá reivindicar a graça (*como reinam as aves no céu, / nós caminhamos*), o amor e seus dilemas (*e o silêncio que se / sobrepõe poderia ser / tudo um assobio um / rosnar um nariz entupido*).

Em muitos casos, a forte presença da verticalidade, a ausência de pontuação, as minúsculas, as repetições, está tudo cooperando para que o olho corra ágil sobre a folha, num magnetismo que atrai uma palavra após a outra. Se aceito o desafio, e encaro uma leitura embriagada pela velocidade, é o poema que me exige fôlego. Faz-se necessário, portanto, sair viva do poema, da sua velocidade, não como quem entrou, mas como quem finalmente saiu. Aqui o poema fede e cheira, à revelia, pois em confronto direto com o meu corpo. A poesia tem pressa, é inquieta, sofre da emergência. E ela quer as respostas, nem que precise inventá-las.

## 8. a guerra de tróia chegou no largo de são francisco

é guerra

é guerra



Fragmento de página de *Il Fior di Battaglia*, manual italiano de luta (1410).

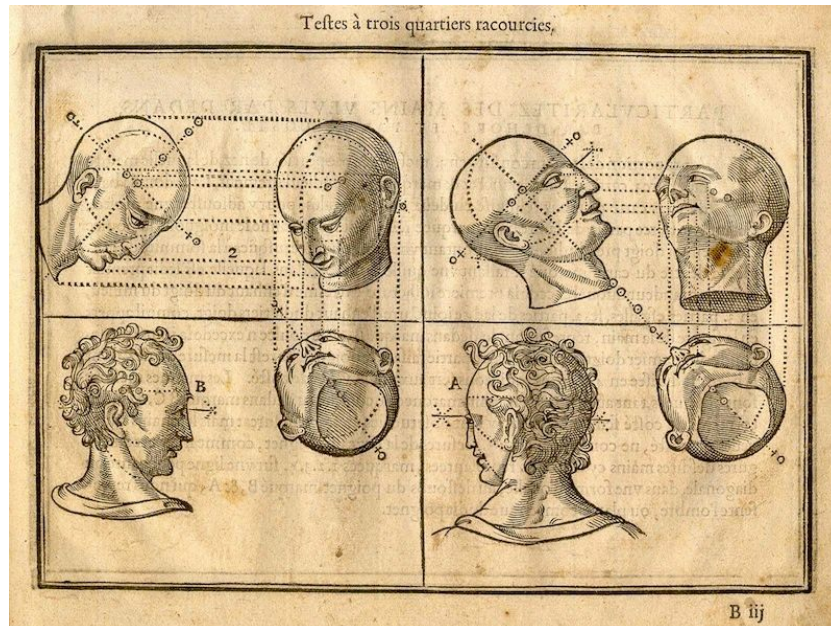
é guerra

é guerra

## 9. as poucas mortes que tenho no bolso se movem como deuses em guerra

meditamos sobre a morte e saímos pela porta da frente

não vamos chorar nenhum morto



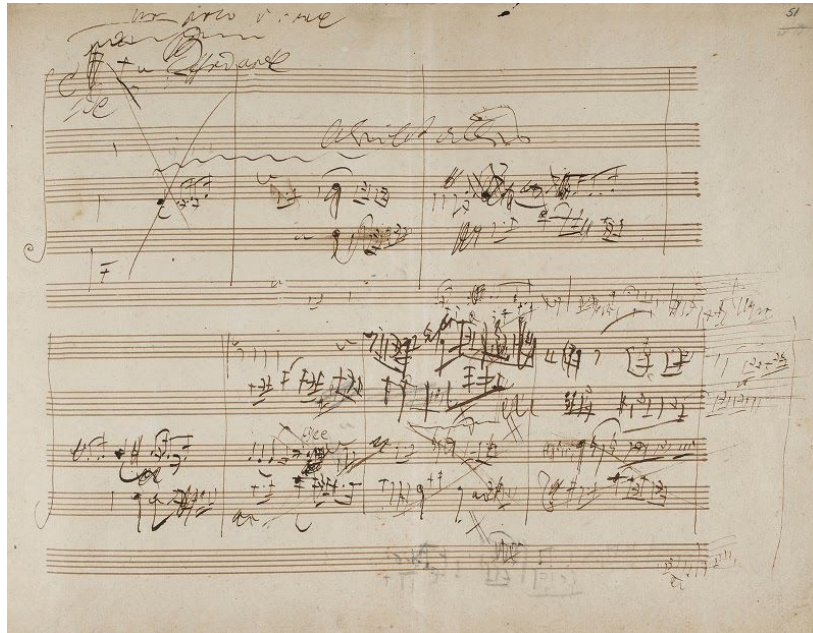
Página de Jehan Cousin, Livre de Pourtraiture (1608)

Meditamos sobre a morte e atendemos os celulares e checamos os emails e caímos vez ou outra.

## 10. silêncio que não é nada além de silêncio, palavra

poeta,  
você de punho forte mas  
nem tão forte assim

diríamos: pedra sobre pedra



Esboços de Beethoven para quarteto de cordas em C menor, op. 131

quais serão os edifícios modificados pela palavra

quem te dá nome  
te fere te fura

quem te dá nome  
qual cio inaugura

## 11. a primeira vez que vi teresa foi como se fosse a segunda

às vezes ela não conseguia segurar o choro

um pequeno caminho  
da ponta do teu pé  
até o teu cotovelo

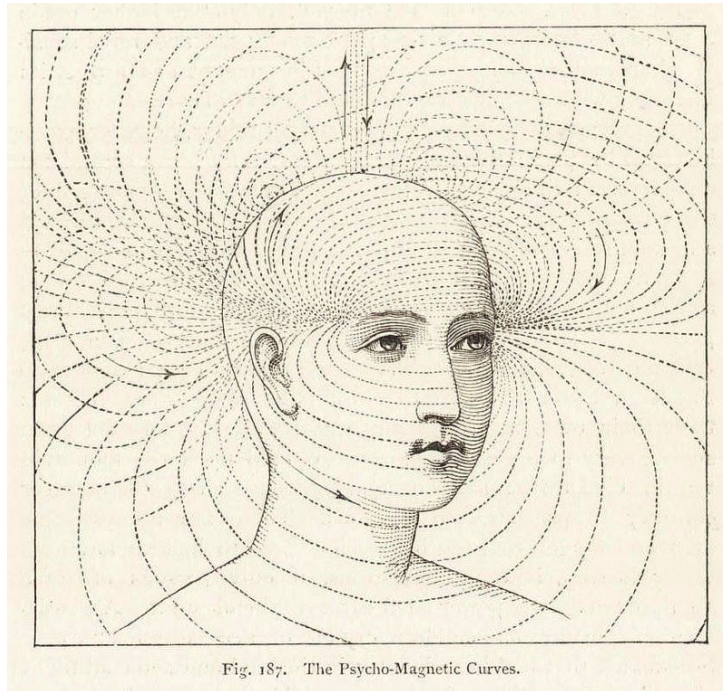


Fig. 187. The Psycho-Magnetic Curves.

Ilustração de Edwin D. Babbitt, *The Principles of Light and Color* (1878)

é preciso tomar cuidado com as tristezas  
que de repente vestem ternos  
e oferecem perfumes baratos  
chaves de fenda  
fones de ouvido

12. Nas palavras do autor, infelizmente não publicadas: *o bagulho é doido.*